Coisas da nossa Ribeira

«Assalto ao Barco»

por Amadeu Costa

Velhos tempos em que a sardinha saía do barco contada a cento!

Só quem assistiu, em pleno cais, à disputa que a regateira travava para conseguir, logo após a chegada do barco, aquele saborosíssimo peixe — de modo a antecipar-se às suas concorrentes na respectiva venda, venda que tanto poderia efectuar-se ali mesmo (1) como nas ruas da cidade — estará à altura de avaliar quanto de pitoresco, de insólito, de agressivo até, revelava o acto agora apelidado de «Assalto ao barco».

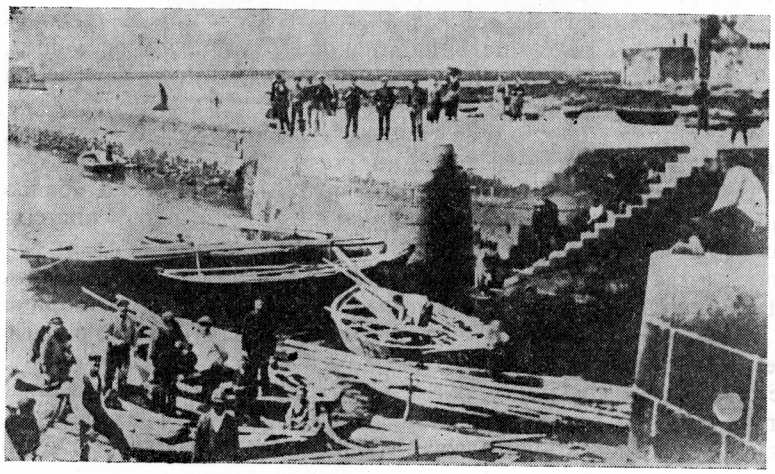
Não há palavras que possam traduzir, coisa tão barulhenta, tão infernal, tão cheia de aspectos verdadeiramente incríveis!

Só visto e não contado!...

Um barco do tipo Poveiro — ou seja o característico da Ribeira de Viana épocas atrás. Quatro a seis homens a respectiva tripulação, vulgarmente chamada Companha.

Por via de regra, o regresso da faina acontecia a hora matutina. Daí por que, a hora matutina também, as regateiras se apresentavam na sua máxima força, na zona portuária, mais propriamente junto à muralha sul do Castelo de Santiago da Barra e da sua torre da Roqueta, acocoradas, à espera da barcaria.

O avistar do primeiro barco punha todo aquele mulherio num alvoroço.



Barcos do tipo «Poveiro», atracados ao cais da «Banda de Fora», após a descarga da sardinha. Entre os pescadores encontra-se o velho lobo do mar Rafael Lomba. (Foto tirada há mais de 70 anos).

Umas após outras, quase seguidas, as embarcações iam demandando a barra que haviam cruzado na véspera, ao entardecer, (para «apanhar o assejo») ou às primeiras horas da madrugada desse mesmo dia.

(O saber dos nossos homens do mar diz ser o pôr do sol a melhor altura para a sardinha «malhar». É, pois, esse passo que eles apodam de «assejo» — poderá ler-se ensejo).

Abicado o cais do Fortim, (2) faceando a torre de vigia dos Pilotos, já as mulheres da sardinha estavam certas de que o barco era ou não o seu (este *seu* não significa ser dona, mas tão somente *freguesa).*

Apenas restava, então, mirar a «pana». E se coberta, a pana, do tão argênteo peixe, logo o cesto (que para o efeito já ia na mão) tão pronto quanto as circunstâncias o permitissem, era atirado para o barco, como se de uma patela, de uma malha se tratasse.

«Botar o cesto» era sinal, portanto, de que a petinga tinha emalhado.

Essa cena (o lançamento do cesto) caracterizava-se pelo muito que revelava de selvático. E tão selvático que, não raro, molestava a Companha, a qual, se molestada, como desforço, acto contínuo azungava o cesto pela «borda fora», quando não mesmo o esfrangalhava na forqueta (3) , tudo se passando sob grande praguedo e insultos mútuos.

Ao mesmo tempo que atirava o cesto — para que dúvidas não houvesse em relação à respectiva dona — a regateira declinava o seu nome ou alcunha, facto que servia também para alertar a Companha quanto à vez que o mesmo marcava (e ser-se atendida na vez era factor muito a considerar...)

«Balaio» (4) — o chamadoiro do cesto usado pela regateira. Tem de fundo sensivelmente 60 centímetros, em quadrado, e as suas testeiras ou paredes, ligeiramente inclinadas, medem 8 a 10 centímetros. Na realidade, tal cestinho é ideal para o efeito, visto que a sua pouca capacidade (dois a três centos) evita que a sardinha «esbuche» ou «mele».

Identifica-se a dona do «balaio» pelas iniciais do seu nome gravadas nas respectivas asas ou, ainda, pela marcação (rodas ou paus — leia-se traços) das testeiras a preto, vermelho ou verde (estas as três cores mais do agrado dos pescadores vianenses para pintar os seus barcos e, assim, se deduz serem as sobras de tais pinturas aplicadas nas ditas marcações). O serem os referidos cestos, mais fundos ou mais rasos que o habitual, ou mais novos ou velhos, tais pormenores também eram invocados como elementos de identificação da proprietária.

Num ápice, o «cachifoz», o «ensaio de vante» e «ensaio de ré», a «cadeira», toda a embarcação, enfim, se transformava num estendal de cestaria.

Na «pana», ou seja, o espaço compreendido entre a «cadeira» e o «banco do leme», vinha a sardinha. Na «cadeira» estavam as redes, mais concretamente as «peças» (são assim chamadas as redes da sardinha).

O «desmalhar» fazia-se no alto mar à medida que as peças eram aladas, salvo se a muita abundância do pescado obrigasse a «alar a feixe e molho». Neste caso, tal operação acontecia durante a viagem de regresso e poderia prolongar-se mesmo depois da atracação.

Tão grande chuveiro de «balaios» deixava aturdidos, desvairados, os Camaradas (este o trato entre os homens da mesma Companha) do «Luz Divina», «Vá cum Deus», «Beata Margarida Maria», «Senhor dos Milagres», «Divino

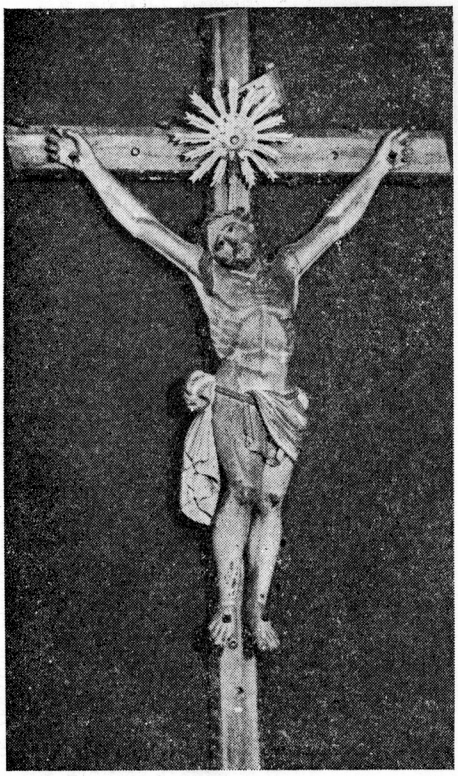


Velho Fortim que existiu à entrada da barra. UItimamente servia de pouso aos pilotos. O vasio da maré deixa-nos ver, — (primeiro plano), em seco, penedia e areia da praia «Detrás do Castelo»), ou «Frente à Roqueta», que ligava à «Praia do Salvavidas». Ambas desapareceram em razão das últimas obras por que passou o nosso porto. Nessas praias havia diversas nascentes de água doce, mas que só eram notadas na baixa mar. Apenas a que se localizava junto à rampa de acesso ao Bugio, salvo se fossem «marés vivas», se mantinha praticável, assim como o lavadouro que lhe era contíguo. Portanto, ali, a qualquer hora se podia beber ou lavar roupa, Esse lavadouro era designado por «Rio de Lá de Fora». A areia do respectivo coradouro, por que muito fina, utilizavam-na as donas de casa para limpar do «sarranho» a louça de ferro. Excelente a água dessas nascentes — e muitas eram! Paralelamente ao «Cais do Fortim», o «Cais de Pau», de cuja substituição Viana tanto falou — pois se atribue ao novo Cais do Cabedelo açoreamento da barra e até do rio.

Mestre», «Senhora dos Mares», «Virgem da Agonia», «Frei Bartolomeu dos Mártires», «Senhor dos Aflitos», «Santíssimo Sacramento» — alguns dos nomes da frota pesqueira das gentes da Foz do Lima.

Era, portanto, num estado de espírito verdadeiramente descontrolado que os pescadores da sardinha faziam a atracagem. (Esta nem sempre consistia em colocar o barco junto ao cais, pois, vezes havia, que era encostada a outra embarcação ou encalhada (5).

Se depois da «revoada dos cestos, o barco não se *aproximasse de terra,* colocando-se um tanto ou quanto fora do alcance do contacto com as regateiras, o facto era revelador de pouca pesca e tal circunstância acendia mais o desejo das compradoras («fruto proíbido, mais apetecido»)! Todavia, se grande «batelada», as posições invertiam-se. Desta sorte, o evidente desinteresse das regateiras a contrastar com a submissão do vendedor empenhadíssimo em ver o barco todo aliviado — não viesse a sardinha a tornar-se num «engado» para dar ao «rapão» (6). Neste caso, a «vivinha, a saltar» acabaria em estrume dos campos de Perre e Outeiro.



Senhor dos Aflitos. Foi venerado no velho e demolido fortim onde a sua lamparina jamais deixou de tremeluzir. Os pescadores, com a cabeça descoberta, frente ao seu nicho, em breve paragem, lhe suplicavam protecção se saíam à barra, pois que, ao entrá-la, ouvir-se-iam agradecer-lhe o terem sido «livres de perigo».

Teoricamente a contagem seguia a ordem de entrada do «balaio» no barco, coisa que — é bom de ver! — não era fácil de determinar. E que conflitos isso causava!!!

As falhas — tantas e tantas eram — na *vez* davam origem à regateira «dizer de uma um cento», para «arrazar», para «gafar», enfim.

Nem por sombras se pode avaliar o que, em tempos idos, na Ribeira, significava «arrazar», «gafar»!

Jesus! — o que isso era!...

Se, para pretender dar ideia, referirmos que gafar, arrazar, é, como vulgarmente se diz «pôr pelas ruas da amargura», sem dúvida que estamos a rebentar a escala da benevolência.

Como dizíamos, a contagem da sardinha para o cesto fazia-se com a preocupação de não se cometerem atropelos aos convencionais direitos de vez. Mas, a despeito de tal, humanamente isso era impossível.

Decorria a mesma, num misto de súplica e de ralho e até de insulto, mas sempre, sempre o pulmão como

argumento preponderante, da regateira. Assim se iam enchendo os balaios — enchendo ou meando, isso dependia da porção contida na «pana», visto que servir a todas que tinham ali o cesto, constituia outra preocupação da Companha. E ai que assim não fosse!...

Se restrições havia a fazer para a todas contemplar, não se contava mais que um cento, senão mesmo três ou dois quarteirões, em cada cesto.

Ao contar, os Camaradas, ordinariamente formavam pares. Logo, para cada cesto dois contadores, e estes cantarolando, em ordenada cadência, ora um, ora outro, diziam: uma, duas,... vinte,... vinte e cinco (mãos). Chamavam *mão* a quatro sardinhas. Daí vinte e cinco mãos representariam um cento. Se fosse caso de continuar a contagem sobre a que já tinham efectuado, de novo voltariam a dizer: uma — e assim sucessivamente até que a quantidade de mãos perfizesse a conta desejada, sem nunca ultrapassar as vinte e cinco. Portanto, independentemente do número de centos a contar sempre que atingidas vinte e cinco mãos, obrigaria a recomeçar nova contagem.



Tio Malheiras. De seu nome João da Silva (correntemente o João Brás). Vemo-lo no acto de «meter as peças» — o transporte das redes da sardinha, de casa para o barco. São essas as redes que leva aos ombros, bem como o pano de as cobrir («pano das peças») e a «boia de rabo». Esta boia serve para distinguir os terminais da rede e daí, ser a primeira que é lançada e a última a ser alada. Distingue-se das demais — os «boireis» — pela haste de madeira que apresenta. Ostenta na mão esquerda, o «repichéu» cuja utilidade é a de apanhar a sardinha que, desprendendo-se das malhas, cai ao mar.

Para memoriar a contagem, por cento, havia a «talha». Esta (sardinha) era tirada da «pana» e, nesse jeito, tantas as talhas, quantos os centos. No final, juntas as «talhas», poderiam dar ideia da porção de «milheiros» vendidos.

A pouca ou muita generosidade dos contadores (quase sempre, aliás, muito generosos, pois é incontestável o espírito de entreajuda que o pescador revela) viria a ser cotada, pela compradora, como «má ou boa conta». Somente as diferenças para menos, na contagem, eram denunciadas pela regateira — que

via sempre, sempre atendida a sua reclamação. Contrariamente, consideravam normais as diferenças para maior. Por isso, uma, duas, quatro ou mesmo cinco mãos, a mais, não se tomavam por erro, uma vez que a falada generosidade dos Camaradas se traduzia em lançar no cesto, extra contagem, diversas mãos — e esse excesso seria a chamada «boa conta».

Era mesmo assim!...

Sempre, sempre numa barulheira, numa algazarra infernal, se suplicava, discutia, ralhava, insultava, praguejava!!!

Tio Zé — Barcelos — Se Manel — Jão da Cega — Quim — Pelado — Ti'Antone!

«Pegue no meu qu'é esse raso!» — «É esse, Messias, é esse novo!» — «Conte pr'aquele dos pausinhos verdes, Tio Jirómino!» — «O das rodas pretas n'um tem vez, Silvestre?» — «Estás a ouvir Telmo, o meu é esse velho que tens aí à mão,!» — «Nem agora contas p'ra mim, Salvador?!» — «Meu desgraçado que mal te fiz eu?!» — «O mar sagrado te coma, cundanado!» — «Inda vás ao mar e num tornes mais à terra, meu entresilhado».

Tão enorme barafunda, mais se avolumava ainda, se possível, à medida que os «balaios» iam sendo entregues, ante a espectativa de nem todas poderem ser atendidas.

Já de posse da sardinha — «pé no ar, toca a alar» — a regateira logo se fazia ouvir em toda a Viana, no seu pregão «Ai que vivinhas, Meninas!» — «Quem merca a sardinha fresca?» ou ainda, «Ai que vivinhas da nossa barra, meninas!».

Os amuos, ralhos, zangas, não faziam mossa. Eram momentâneos e como tal esquecidos...

Hoje estas, amanhã aquelas, sempre com idênticos problemas!!!

O barco vendia a crédito. A dívida, em geral, era recebida dias depois.

Para os assentos havia o rol. Deles se encarregava o Camarada mais letrado, salvo se a totalidade da Companha fosse analfabeta, circunstância, aliás, muito comum.

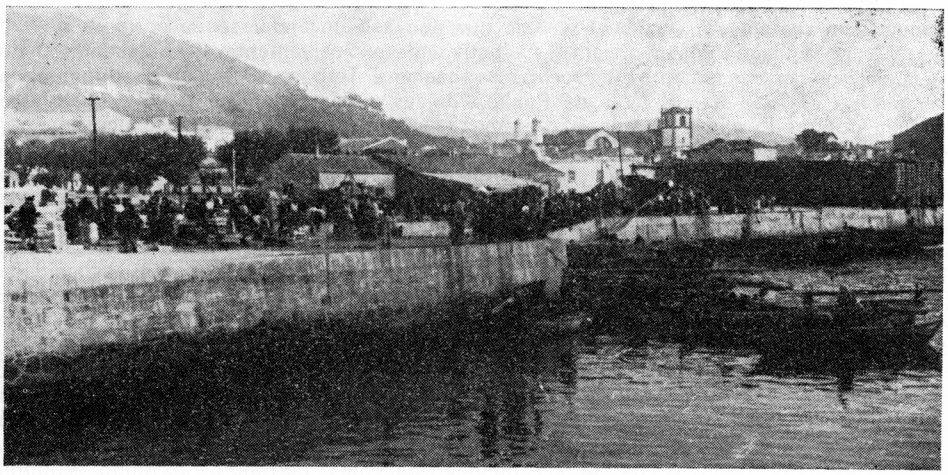
O rol referia, a par da quantidade de centos, o nome da compradora, se este pela sua invulgaridade no Bairro, não se prestasse a equívocos. Ao invés, então, preferir-se-ia a alcunha (por vezes «vale mais que o retrato») ou, ainda, o nome seguido da alcunha). Assim, o rol (que tantas vezes era invocado, exibido, para revelar pretensos calotes — somente para desculpar situações criadas no momento) citaria: — Rosaira (deturpação de Rosário) — Meringueldes (Meriguilde) — Zulmira — Meneurdes (em vez de Benilde) — Zefa — Nia (diminuitivo de Agonia) — Rita — Amália — Horinha (Hora) — Nautília — ou, Pelada — Chorinha — Vinagreira — Bezuga — Querrucha — Estruma — Papa Assucre — Pila — Escova — Perrichil — Pexuga — Piolha — Piruca — Pita Borrada — ou, ainda, Maria Cega — Margarida Fanada — Emília Lavradeira — Maria do Gago — Rosalina Queimacasas — Maria Fangueira — Laura Faladeira — Sara do Pelote — T'reza do Zé Grande — Rita dos Presuntos — Rosa Pedreira — Laura Picharra — Rosalina Patela — Chica Mete o Pé.

Se os Camaradas queriam obsequiar um amigo aparecido no cais, dava-se-lhe «da do cu do mestre», ou seja, a sardinha que não se tinha emalhado ou aquela que por último havia sido desmalhada e, por isso, atirada para

o «caixãozinho», este o sítio da «pana» que fica sob o «banco do leme». Aí se senta o arrais, o mestre. Tal sardinha tinha melhor aparência, era mais vivinha.

Ao particular contava-se geralmente um quarteirão. O lenço de mão servia de saca e raros, muito raros mesmos, os casos em que a sardinha não lhe era oferecida, pois que para vender estava a regateira.

À sardinha roída pelo «patilado» dava-se o nome de «tranjos». A estes



Aspecto do terminar de *uma manhã de sardinha* nos anos mais recentes.

atribuiam-se, quanto ao seu sabor, virtudes especiais, que provinham —dizia-se — de *sangrarem com vida.*

Os «tranjos» tinham a preferência do pescador. Não se vendiam. Constituiam as «caldeiradas» dos tripulantes — que muitas vezes, mal chegado o barco, os mandavam fritar ao «Lodo», à «Rosa da Isidora», ao «António Pinto», ao «Domingos do Brás» (a quem sucedeu a Elvira Gatinha) ou noutros tascos das redondezas do cais. Ali, no cais, eram comidos, em sociedade com amigos e conhecidos, acompanhados da tão apetitosa *broa* da «Tia Porrinha» ou da «Aurora Peres» e muito bem regados com o *carrascão* de Perre ou Outeiro.

Ainda na década de 50 tais cenas eram um facto!

.....

Pobre gente essa! Num passado ainda tão recente, embora longínquo já nos pareça, viveu uma vida árdua, dura, escrava e em permanente desafio à morte. Não obstante, jamais viu compensado quanto o seu esforço merecia!...

Grandes privações. «miséria de criar bicho», eram uma constante de tão desgraçado viver.

Essa gente, na sua ementa (triste ironia!) como prato, único prato, inscrevia o café como sendo «arroz de cafeteira» e olhem que ter arroz de cafeteira era grande sorte, pois, dir-nos-ia que na lareira houvera lume!...

NOTAS:

(1) — O grosso do negócio, no cais, processava-se especialmente, entre regateiras e mulheres da aldeia que, também como aquelas, viviam de tal comércio. «Sardinheiras», assim eram conhecidas essas mulheres que, ao romper d'alva, entravam na cidade, em grupo, no qual uma se destacava entre as demais por vir à frente, seguindo-se-lhe, então, as outras aos pares, tercetos ou quartetos (cena comparante a galinha e pintos). Caminhavam sempre em corrida — parecia que não sabiam andar senão correndo!

As sardinheiras desenvolviam a sua actividade exclusivamente nas aldeias do «lado de lá do rio», nomeadamente, Carvoeiro, Barroselas e Tregosa. O maior contingente de vendedeiras era das Neves (Vila de Punhe, Mujães e Barroselas), embora as houvesse também doutras localidades, Vila Fria e Alvarães, por exemplo, a todas conheciam por «Sardinheiras das Neves».

Ao ser contada, de cesto para cesto, a sardinha ia sendo acamada e «areada» (salpicada de sal). Raramente a lavavam, salvo se o seu mau aspecto tal exigisse, ou se tivesse sido «escochada» (caso que poucas vezes acontecia).

O cesto das sardinheiras era diferente do «balaio» (este o cesto da regateira). Aquele diferia por menor fundo e maiores testeiras. Porém, com outra capacidade (cerca de 5 centos). Para evitar o escorrimento sobre a sardinheira, o cesto, quer vasio, quer cheio, sempre trainsportado à cabeça, era todo envolto em lona ou pano de oleado, seguros por um cordel que o enleava até ao seu bordo, sendo atado, por fim, o cordel, às respectivas asas. Assim se pretendia evitar o natural escorrer do peixe. Mas evitá-lo-iam? Não! E como se não bastasse já o seu tão martirizante labutar, as sardinheiras em seu desfavor tinham, ainda, a repugnância que aos outros causava o cheiro das cabeças e roupas! As sardinheiras das Neves eram verdadeiros andarilhos. Diàriamente percorriam, a pé, largos quilómetros, mas correndo, correndo sempre. Consideremos que só a distância entre as suas casas e o cais poderia representar, em viagem de ida e volta, mais de 20 mil metros. Mas quantas vezes, essa caminhada, longa caminhada, se fez em vão — o cesto ia como tinha vindo, sem sardinha, pois nem sempre a maré era «maré abençoada»!

Pés descalços! Dedos entrapados! Calcanhares gretados!

Por pequeno e grande almoço um naco de boroa azeda (azeda, rende mais) e, se as havia, umas maçãs...

Quantas vezes saíam de suas casas por volta das duas, três da madrugada, para **a boa hora** marcarem presença no cais (não fosse caso de «um mar enxuto de sardinha» ter propiciado, em «bom assejo», carregar o barco até «trazer a borda debaixo d'água», facto este tão corrente nos meses de Junho e Julho). Daí, então, haver de se contar a sardinha logo ao alvor do dia a fim de permitir que os pescadores de novo se fizessem ao mar para tentar novo lanço. Dessa sorte, as sardinheiras eram aviadas mais cedo que o habitual e, por isso, numa viagem de retorno de escassas duas horas, à volta das sete, oito horas, estavam elas já no seu ponto de partida — as Neves.

Andar ligeiro, muito ligeiro, em corrida, como se vem dizendo, para cedo chegar a casa dos fregueses. Outra, mais lesta, poderia fazê-la correr o risco de ficar com a sardinha no cesto — e que prejuízo, então!

A tão esticada caminhada entre Neves-Viana e Viana-Neves, não constituía o percurso que a sardinheira tinha de fazer diàriamente. Não, não! Mais um ror de quilómetros, ainda tinha de calcurriar.

Somente ao entardecer findava o seu labor!

Frio de tolher! Sol de escaldar! Chuva até aos ossos! E vento de cortar! Mesmo até o seu adiantado estado de gravidez! Nada, nada, fazia para que aquelas mulheres — e por que lhe não chamar escravas? — deixassem de se entregar a tão dolorosa faina.

Mas seria compensadora a paga?! Não era — quer para elas, sardinheiras, quer para as regateiras. Negócio pouco tentador e, daí, por que o povo no seu dizer: «negócio de sardinhas» queira significar que ele «não enche o olho».

(²) — O nome provém de um pequeno fortim que em tempos, nesse cais, agora renovado, existiu. Nele se venerava o Senhor dos Aflitos — a quem os pescadores quer ao sair, quer ao entrar a barra, em ligeira paragem, pediam e agradeciam protecção. Essa imagem ainda nos dias de hoje, apesar de se achar em casa particular, tem a veneração das nossas gentes do mar, veneração que se traduz, particularmente, em ofertas de azeite para a sua lamparina.

(³) — Acessório do barco, que, formando par, tem a função de suster, deitados, o mastro e a verga e, nesta, a vela enrolada (acabada a faina do dia, ao chegar a terra, a vela é desprendida para, depois de seca, ser dobrada e guardada debaixo da «mão-tosta» que é um banco bastante mais largo que os demais bancos da embarcação). As forquetas são colocadas a bombordo, na «amurada» sobre a mão-tosta e «banco do ré», nos quais existem «cunhos» onde as mesmas penetram. Pouco mais acima, junto à borda, duas abraçadeiras (uma para cada forqueta), completam a respectiva segurança, firmeza, daqueles suportes do mastro e verga.

(⁴) — Correntemente, na Ribeira, são usados três cestos: o «Balaio» que é o mais pequeno, o das «Peças» ou do «Aparelho», e o «Barreleiro». Este, o mais avantajado, tem de fundo 0,80 m., medindo as suas testeiras também 0,80 m. (tanto de largo como de alto), pode levar entre 80 a 100 quilos de peixe. Aquele (das «Peças») tem de fundo 0,40 a 0,50 m. e 0,40 m. de altura e suporta entre 30 a 40 quilos de peixe. Este último cesto, não sòmente era empregado no transporte do «Aparelho». Servia também para levar o peixe à lota, caso a pesca não justificasse maior cesto— o «Barreleiro».

Este cesto (das «Peças») tinha um acabamento especial, isto é, muito perfeito, a fim de evitar que nos mesmos as redes se rompessem. Era muito frequente utilizarem-no, também, como berço. E quantas, quantas vezes se pôde ver — esse **berço,** com uma ou mais crianças, transportado à cabeça da mãe que obrigada por afazeres que não os da casa, tinha de a deixar e, assim, no cais a vender o peixe ou no Campo do Castelo a estender e colher redes, ou a lavar as suas roupas no velho lavadouro ali existente a que chamam «tanque». Dessa forma ela continuaria sempre a exercer a sua vigilância sobre os filhos, embora então, eles ficassem sujeitos às inclemências do tempo — sol, frio, chuva e vento e daí também a origem do elevado grau de mortalidade infantil que se verificava no bairro piscatório...

(⁵) — O encalhe fazia-se no prolongamento sul da então chamada «Praia do Salva-vidas», mais precisamente no espaço compreendido entre a Torre de Vigia dos Pilotos e a Torre da Roqueta. Devido à transformação que o porto sofreu, hoje tal não seria possível, pois o sítio foi muitíssimo aprofundado.

A quando dessa transformação que originou o desaparecimento da praia do Salva-vidas, acabando com o bater do mar, na Torre da Roqueta e nas muralhas do Castelo de Santiago da Barra, que lhe são contíguas, a descarga da sardinha passou a fazer-se (e tal aconteceu durante alguns anos) no cais do rio Lima, na parte confinante com o Largo 5 de Outubro — e numa altura em que lá se conservava ainda a «Estátua de Viana» (daqui foi mudada para o Largo de Altamira onde actualmente se encontra.

(⁶) — Campónio, ordinariamente de Perre ou Outeiro, que trajando camisa de linho ou estopa, calça de fraldilha, tamancos, carapuça ou chapéu de palha, que tinha por missão rapar, no cais, as cabeças e maga (tripa) da sardinha «escochada» (estripada e sem cabeça) para a salga.

Os seus apetrechos de trabalho eram um cesto (em tamanho corresponderia ao cesto das «peças» ou do «aparelho») ou gamela (masseira) e cinchada.

Formavam diversos «monturos» com o «engado» (nome dado aos detritos —

sardinha mole, imprópria para consumo, e patilado, caranguejo). Tais montunos eram cobertos com palha centeia ou triga, o que não evitava a proliferação de mosquedo e, sobretudo, o mau cheiro.

Sempre que a quantidade justificasse, um carro de bois levava tão nauseabunda carga para as respectivas aldeias.

NOTA — Este assunto será tratado mais desenvolvidamente na monografia sobre a Ribeira de Viana, que Amadeu Costa tem em vista publicar.

REGISTO

Guerra Junqueiro, notabilíssimo poeta intimamente ligado a esta cidade pelo seu casamento com D. Filomena Augusta Neves, filha do importante proprietário de carruagens Sebastião da Silva Neves, era natural de Freixo de Espada-a-Cinta, onde nasceu em 17 de Setembro de 1850. Morreu em Lisboa no dia 7 de Julho de 1923.

Estudou no Porto, tendo-se formado em direito na Universidade de Coimbra. Foi secretário dos governos civis de Angra do Heroísmo e de Viana do Castelo e deputado pelos círculos de Macedo de Cavaleiros (1878) e Viana do Castelo (1880 e 1887 a 1889).

Depois da implantação da República, por cuja causa pugnou vivamente, foi nomeado ministro plenipotenciário de Portugal em Berna (Suíça),

Entre as suas obras poéticas destacam-se «A Velhice do Padre Eterno», «Os Simples», «A Pátria», «A Morte de D. João», etc.

Alguns dos maravilhosos poemas líricos que nos legou foram escritos aqui em Viana, percorrendo a Praça da República, Rua Cândido dos Reis, Rua da Bandeira e Estrada da Areosa...



Guerra Junqueiro